

Festival América do Sul Pantanal na construção da identidade territorial da fronteira Brasil – Bolívia¹

Festival América del Sur Pantanal en la Construcción de la identidad territorial de la frontera con Brasil - Bolivia Título del Artículo

Pantanal South America Festival in the construction of the territorial identity of the Brazil - Bolivia border

Suzana Mendes Dias Flud²

Ana Paula Correia de Araujo³

Resumo

O Festival América do Sul Pantanal é um evento cultural anual promovido pela Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul desde 2004, na cidade fronteiriça de Corumbá. O presente artigo analisa a construção da identidade fronteiriça Brasil – Bolívia, corredor Corumbá – Porto Quijarro, pelo Festival América do Sul Pantanal – Edição de 2019. Os procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa foram: revisão teórica, análise de documentos, e trabalho de campo, com aplicação de entrevistas semiestruturadas junto à Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul e aos participantes desta edição. Os resultados indicam que o Festival apresenta uma programação diversa e multiterritorial. A identidade fronteiriça é ressaltada, valorizada e valorada, contribuindo para a construção dos laços de pertencimento ao espaço vivido. A gastronomia boliviana – brasileira presente no Quebra torto com letras, a logomarca do evento composta por elementos simbólicos desta fronteira, a integração de brasileiros e bolivianos em atividades artísticas e educativas são expressões desse processo.

Palavras-chave: Fronteira; identidade; território; Pantanal.

Resumen

El Festival América del Sur, es un evento cultural anual, promovido por la Fundación Cultura de Mato Grosso do Sul desde 2004, en la ciudad fronteriza de Corumbá. Este artículo analiza la construcción de la identidad fronteriza Brasil - Bolivia, corredor Corumbá - Porto Quijarro, por el Festival América do Sul Pantanal - Edición 2019. Los procedimientos metodológicos que guiaron la investigación fueron: revisión teórica, análisis de documentos y trabajo de campo, con aplicación de entrevistas semiestruturadas con la Fundación Cultura de Mato Grosso do Sul y los participantes de esta edición. Los resultados indican que el Festival presenta un programa diverso y multiterritorial. La identidad fronteriza es enfatizada, valorada y valorada, contribuyendo a la construcción de los

¹ Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

² Mestranda em Estudos Fronteiriços pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus Pantanal / CPAN/UFMS. Professora da Faculdade Insted. Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: admsuzanamendes@gmail.com

³ Pós doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: anapaula_rj@yahoo.com

lazos de pertenencia al espacio habitable. La gastronomía boliviana-brasileña presente en Quebra torcida con letras, el logotipo del evento compuesto por elementos simbólicos de esta frontera, la integración de brasileños y bolivianos en actividades artísticas y educativas son expresiones de este proceso.

Palabras clave: Fronteira; identidade; território; Pantanal.

Abstract

South America Pantanal Festival is a yearly cultural event promoted by Mato Grosso do Sul Culture Institution since 2004, in Corumbá border city. This article analyses the border identity construction in Brazil – Bolivia, in Corumbá aise – Porto Quijarro, by South America Pantanal Festival – 2019 Edition. The methodological procedures that guided this research were: theoretical review, document analysis and fieldwork with semi structured interviews with Mato Grosso do Sul Culture Institution and this edition participants. The results show that the Festival presents a diverse and multi-territorial programming. The border identity is highlighted, valued, and enriched, contributing for the construction of belonging ties to the space where they live. The Bolivian-Brazilian gastronomy - in the *Quebra torto* with letters, the event logo composed by symbolic elements from this border, Bolivian – Brazilian integration in artistic and education activities are expressions from this this process.

Keywords: Border; identity; territory; Pantanal.

1. Introdução

Conforme Claval (2001, p.63) a cultura é a soma de comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos dos valores, é herança transmitida de uma geração a outra. Ao longo da vida social, indivíduo e cultura estabelecem um universo de relações: a cultura na qual ele evolui é função das esferas de intercomunicação das quais ele participa (CLAVAL, 2001). É um processo aberto em que o indivíduo se constrói, a partir da interiorização de códigos, valores e conhecimento de mundo, como um ser social. A cultura é indispensável ao indivíduo, pois, permite sua inserção no tecido social, dá significado a sua existência e forma a sociedade do qual se sente membro (CLAVAL, 2001, P. 89).

A identidade emerge do sentimento de pertencimento, da consciência de fazer parte do todo, de integrar-se ao grupo. O território é a base material e simbólica de construção da identidade e, por isso, toda identidade cultural é uma identidade territorial, com o espaço sendo carregado de sentido e significado para aqueles que o habitam.

Este artigo tem por objetivo analisar a construção da identidade territorial da fronteira internacional Brasil – Bolívia, corredor Corumbá – Porto Quijarro (figura 1), através do Festival América do Sul Pantanal, em sua 15ª edição, que ocorreu no período de 14 a 17 de novembro de 2019. O Festival é um evento cultural anual realizado pela Fundação de Cultura do estado de Mato Grosso do Sul. A opção pela edição de 2019 se deu em função dos dados obtidos em campo, através de entrevistas e coleta de material do evento. Destacamos que este trabalho faz parte de um projeto maior de pesquisa de mestrado que analisa o Festival desde 2004, ano da

primeira edição do evento.



Figura 1: Fronteira Brasil – Bolívia / corredor Corumbá-Porto Quijarro.

Fonte: Filartigas, Danilo M. E., 2014.

Corumbá - Porto Quijarro são consideradas cidades-gêmeas e, portanto, a produção do espaço vivido é fortemente marcada pela miscigenação cultural Brasil – Bolívia, provocando aquilo que Banducci Júnior e Romeiro (2005, p.511) definiram como limites indeterminados e identidades dinâmicas e multifacetadas. Conforme Cesco (2012, p.22), um espaço aberto, particular e diferente que exprime complementariedades e sobreposições.

A metodologia da pesquisa é de natureza sistêmica com análise integrada dos dados observados. Os procedimentos metodológicos envolveram a investigação teórica a partir de revisão bibliográfica sobre fronteira, identidade e território, alinhada a tabulação e análise documental, notadamente, a programação do Festival América do Sul Pantanal de 2019, e análise de dados primários, obtidos em campo, através da aplicação de entrevistas semiestruturadas junto a Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul e ao público do evento.

Entender a fronteira como uma região, definida e delimitada por relações de homogeneidade que envolve o “eu” e o “outro”, é fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas capazes de dar conta da totalidade de um sistema espacial que inclui o nacional e o internacional como partes constitutivas de um território construído por e a partir de relações de poder simbólicas.

2. Identidade, Cultura e Fronteira

A identidade é sempre uma construção definida a partir de significados culturais que norteiam o processo de identificação e distinção do indivíduo ou de um grupo (ARAÚJO; HAESBAERTH et. al., 2007).

A cultura é fundamental. Como define Cosgrove (1998, p.101) a cultura é um conjunto de práticas compartilhadas comuns a um grupo humano, apreendidas e transmitidas através de gerações. São práticas, valores, comportamentos, costumes, saberes constantemente reproduzidas pelos seres humanos em suas ações rotineiras. É a partir do universo cultural que se observam e se identificam as percepções e concepções que os homens têm do mundo, dos lugares e dos objetos. Para Schopenhauer (apud MAFFESOLI, 1995, p.123) “*o mundo é uma representação*”, carregasse assim, de uma dimensão simbólica que envolve interpretações e desejos distintos relacionados à maneira pela qual cada indivíduo se impregna da cultura dos grupos onde vive.

O universo cultural vincula e carrega o espaço vivido do sentimento de pertencer, de ter identidade. Conforme Haesbaert (1999, p.175) “ao envolver um processo de classificação e/ou distinção, a identidade cultural legitima um existir social onde a percepção das diferenças é fundamental para a afirmação do grupo social”. A Identidade é a fonte de significado e experiência e conforme menciona Castells: “A identidade é o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado” (CASTELLS, 1999, p.22).

Tais significados permeiam e geram interesses mútuos quanto a identidade. Tal preocupação não é algo novo, apesar de ganhar força de análise na modernidade. Bauman (2001) define modernidade e contesta a força de uma identidade na época atual em que as relações sociais, econômicas e de produção que são frágeis, fugazes e maleáveis, como os líquidos. Entretanto, mesmo na fluidez proposta pelo autor, o poder da identidade é fortalecido na modernidade e, sobretudo, na pós-modernidade. Isso se explica pela mobilidade acentuada na globalização. Processos de desterritorialização e reterritorialização se intensificam permeados por sentimentos de pertencimento.

Esse poder é tão significativo que, nos anos de 1970, o filósofo Lévi-Straus (1977, p. 10) declarou que a “*crise de identidade seria o novo mal do século*”, referindo-se ao mal-estar da pós-modernidade. Conforme este autor “quando hábitos seculares vêm abaixo, quando

gêneros de vida desaparecem, quando velhas solidariedades desmoronam, é comum, certamente, que se produza uma crise de identidade” (STRAUS, 1977, p.10).

Giddens (2002) afirma que a influencia de acontecimentos distantes sobre os lugares, e sobre a intimidade do eu, se torna cada vez mais comum. Na articulação local-global, a vida é reconstruída a partir de influências padronizadoras.

Entretanto, como a construção de identidades se faz através de disputas constantes, a luta pela afirmação da identidade enquanto forma de reconhecimento social da diferença é, na globalização, acentuada, como uma maneira de manter visível as especificidades de grupos distintos, como uma marca de seus projetos e interesses. Na atualidade, as diferenças são padronizadas, mas, permanecem como diferenças, e se acentuam.

Assim, a identidade tem um caráter estratégico. Elas são, ao mesmo tempo, produto e produtoras de lutas sociais e políticas e, em consequência, de disputas territoriais.

Identidade, sempre que se ouvir esta palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade. Ela só vem a luz no tumulto da batalha, e dorme e silencia no momento em que desaparecem os ruídos da refrega (...). A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa absoluta de ser devorado (BAUMAN, 2005, p.83).

A alteridade é fundamental na constituição identitária. O homem social interage e interdepende de outros indivíduos. A existência do “eu” só é permitida mediante o contato com o outro, com o existir social. É a partir dessa relação dialética entre o “eu” e o “outro” (o grupo social) que as aspirações e desejos individuais e coletivos são construídos. O “eu” não é uma entidade passiva, determinada por influências externas. Os indivíduos contribuem para as construções sociais, para as suas consequências e implicações (GIDDENS, 2002).

O universo é relacional e simbólico. Bourdieu (2005, p.8) ao analisar o poder de diferentes universos simbólicos como instrumento de construção e de conhecimento do mundo dos objetos, e de si, revela que precisa ser descoberto onde menos ele se deixa ver menos, sendo ignorado, portanto, reconhecido. O poder simbólico seria esse poder invisível que somente pode ser exercido em cumplicidade dos que não querem estar a ele submetidos. O poder simbólico é, nesta perspectiva, invisível e pode ser exercido por diferentes atores sociais, num universo relacional entre sujeitos (BOURDIEU, 2005). A identidade é, e sempre esta, em processo, é dinâmica, aberta, múltipla, contingente, condicionante e condicionada a espaço-temporalidades, não se restringindo apenas a “quem nós somos” mas também a quem nós podemos nos tornar (ARAÚJO,

HAESBAERTH, 2007; HALL, 2004; CASTELLS, 1999). Isso determina que identidade esta diretamente ligada as raízes que definem o que se é, mas também a rotas e rumos que se toma, cabendo assim, ao que virá a ser.

Essa construção identitária se faz através da internalização, da autoconstrução e da individualização, organizando significados para o indivíduo e para o grupo social. Castells (1993, p.23) define significado como a identificação simbólica. Para Castells (1999) a questão central que se coloca é identificar como essa identidade se constrói, a partir de que, por quem e porque isso ocorre. Assim, as identidades valem-se da história, da geografia, da biologia, das instituições produtivas, da memória coletiva. Araujo e Haesbaerth sustentam que:

O conceito de identidade não se confunde com as ideias de originalidade, tradição ou de autenticidade, pois os processos de identificação e os vínculos de pertencimento se constituem tanto pelas tradições (raízes, heranças, passado, memória etc) como pelas traduções (estratégias para o futuro, “rotas”, “rumos” projetos etc). As identidades nunca são, portanto, completamente determinadas, unificadas, fixadas, elas são multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de transformação e mudança (ARAUJO; HAESBAERTH, 2007, p.97).

Claval (2001) afirma que a família e a comunidade local representam as matrizes que asseguram e exercem o poder simbólico de transmissão de uma parte essencial da vida social. A partir daí indivíduo constrói o sistema social do qual ele participa. Esse sistema é constituído por papéis e status institucionalizados que envolvem desde a divisão econômica do trabalho, aos preceitos morais inculcados desde a infância e que marcam profundamente as consciências individuais, até o território de vida, de cultura e de trabalho.

O território é a base material para a construção identitária (CLAVAL, 2001). Toda a identidade cultural tem no território uma das referências para a sua construção, assim, a identidade cultural é, também, uma identidade territorial, com os lugares sendo carregados de sentido e significado para aqueles que os habitam e os frequentam. Neste processo, os lugares exercem um duplo papel: são ao mesmo tempo suportes e matrizes das culturas (CLAVAL, 2001; HAESBAERTH, 1999).

O conceito de território envolve relações de poder e apresenta uma dimensão material e outra simbólica. Nesta perspectiva, pode-se inferir que os territórios são construídos a partir de relações sociais de poder, seja no sentido de poder de um grupo sobre outro ou no sentido de poder simbólico, ou seja, de apropriação por identidade (SOUZA, 1995; HAESBAERT, 1999).

Lefévre (1991) diferencia apropriação de dominação. A apropriação no sentido de

possessão, de propriedade, portanto com um caráter mais simbólico, com as marcas do “vivido”, do valor de uso (sociocultural). Já a dominação, possui uma conotação de domínio, sendo mais concreto, funcional, e vinculado ao valor de troca (econômico e político).

Como o território não pressupõe exclusividade de poder, um grupo pode controlar diferentes territórios mesmo em descontinuidade espacial (território em rede), mantendo-os interligados por nós de solidariedade. Em paralelo, uma mesma área pode ser territorializada por diferentes grupos, tendo um significado econômico e/ou simbólico. Apresenta, portanto, diferentes combinações que envolvem desde fatores de produção (SANTOS, 1988) a produção de significados (HAESBAERT, 1999).

Yázigi afirma que a identidade territorial é a “*personalidade do lugar [...] é o tipo de arranjo que se faz com os mais diferentes traços identidade, natural ou construída*” (YÁZIGI, 2001, p.24), formada pela integração econômica, política e social dos lugares.

A fronteira entendida como uma região específica, de identidade própria construída a partir da convivência com o “outro”, com o internacional, em diferentes níveis de integração (CESCO, 2012, p. 11), nos leva a sentimentos ambíguos. A multiterritorialidade é a base constitutiva da identidade fronteiriça, mas, sentimentos de distinção territorial são, igualmente, fortalecidos.

Como a identidade só se define em relação à outra e implica, necessariamente, numa busca de reconhecimento (HAESBAERT, 1999), o reconhecimento nem sempre é clarificado na vida cotidiana da fronteira, mesmo aquelas de alta integração, como a fronteira Corumbá – Porto Quijarro.

De qualquer forma, nesse recorte espacial específico, entre o Brasil e a Bolívia, Cesco (2012) definiu uma identidade híbrida a partir da gastronomia desta fronteira. Os ingredientes, os modos de preparo, os hábitos alimentares são registros constitutivos da identidade regional.

3. Metodologia

A metodologia da pesquisa é de natureza sistêmica com análise integrada dos dados observados. De acordo com Morin (2003) o pensamento que compartimenta e separa em vez de unir e contextualizar obscurece uma realidade cada vez mais complexa. Assim, para ser integrada, a abordagem da pesquisa deve conceber a totalidade como sistêmica, isto é, fundada na consciência do estado de inter-relação e interdependência, dos fenômenos sociais, econômicos, territoriais e culturais (CAPRA, 1999).

A pesquisa envolve uma série de procedimentos na busca de respostas a questão

estabelecida. Nesta direção, para responder aos objetivos propostos, a pesquisa será exploratória, alinhando investigação teórica a partir de revisão bibliográfica sobre fronteira, identidade e território, com trabalho de campo. O trabalho de campo foi composto de entrevistas semiestruturadas junto aos atores responsáveis pelo Festival, empresários, artistas e público. Foi feita pesquisa documental (observação indireta) e levantamento e análise de dados estatísticos.

4. Resultados

O Festival América do Sul é um evento anual que ocorre desde 2004 na cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul, mas integra atualmente mais de 100 mil participantes não apenas do Brasil como também da Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela⁴.

O tema da edição de 2019 foi “*Corumbá: coração da América*” e concretizou 15 edições unindo povos, culturas, ritmos, costumes e tradições. A cidade de Corumbá é muito enriquecida por estar as margens do Rio Paraguai, local que representa o elo entre quatro países (Brasil, Paraguai, Bolívia e Uruguai)⁵, tendo sido primordial para a construção da malha cultural de Mato Grosso do Sul devido as trocas conceituais e culturais devidas aos embates, guerras, invasões e conquistas que definiu tal rio por sua diversidade construída e comprovada por tal elo através das histórias de guerras e desavenças, mas principalmente de enlaçamentos de povos que na região se instalaram fazem da região uma opção de roteiro cultural e turístico, justificando ser o homenageado no FASP 2019.

O evento é realizado pela Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. A Constituição Federal de 1988 destaca a cultura como um direito coletivo fundamental ao exercício da cidadania. Cabe ao Estado, em diferentes níveis de governo, o dever de garantir a efetivação desse direito.

A necessidade de organizar as políticas públicas culturais é colocada acima de tudo pela Constituição Federal, que remete ao Estado a obrigação de garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais e define o patrimônio cultural como todos os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, que fazem referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, incluindo seus modos de criar, fazer e viver (Constituição de 1988, art. 215; 216).

O ano de 2019 marca a 15ª edição do Festival. Dentre os objetivos do evento destacam-se

⁴ Disponível em < <https://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/fasp-2019-supera-expectativa-de-publico-e-se-consagra-como-a-maior-festa-multicultural-da-america-do-sul/>>. Acesso em 13 ago. 2020.

⁵ Disponível em < <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/expedicao-travessia/noticia/2019/06/04/rio-paraguai-e-o-8-maior-da-america-do-sul-e-percorre-4-paises.ghtml>>. Acesso em 13 ago. 2020.

o incentivo a arte, a história, cultura, turismo, integração e sustentabilidade, através da evidência de talentos, miscigenação de conhecimento e troca cultural entre povos, gerando movimentação da economia local e de todos os envolvidos (Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul).



Figura 2: Festival América do Sul 15ª. Edição - 2019.

Fonte: <http://www.festivalamericadosulpantanal.ms.gov.br/>

O Festival América do Sul Pantanal reflete e fortalece a identidade territorial da região fronteira Corumbá - Porto Quijarro. A figura 1 apresenta a logomarca da Edição de 2019. Observa-se na imagem a presença de elementos simbólicos que definem uma paisagem intimamente ligada com a cultura. A unidade visual indica a integração Brasil-Bolívia, as tradições da vida rural pantaneira e os povos indígenas. As expressões impressas são simbólicas e legitimam o espaço relacional de uma fronteira que ultrapassa os limites territoriais estabelecidos pelos Estados Nacionais e estabelece relações intensas.

Um dos elementos identitários da região pantaneira, e isso inclui a fronteira Corumbá – Porto Quijarro, é o quebra-torto. Um “almocinho” de café da manhã diário reforçado, servido no espaço rural e urbano, com café, arroz carreteiro, chipa, saltenha. Durante o Festival América do Sul Pantanal, em todas as edições, o evento acontece diariamente; o evento matinal “*Quebra-torto com letras*” no Moinho Cultural da cidade de Corumbá (MS), oferecendo aos participantes a gastronomia e literatura regional (figura 2).



Figura 3: *Quebra-torto com Letras*. Valorização da identidade fronteiriça pelo Festival América do Sul Pantanal. Quebra-torto ou “almocinho” matinal servido aos participantes da 15ª edição. Gastronomia e literatura pantaneira e fronteiriça.

Fonte: <https://www.festivalamericadosulpantanal.ms.gov.br/em-sua-15a-edicao-quebra-torto-une-cafe-da-manha-pantaneiro-e-a-literatura-de-quatro-mulheres/>. Foto: Edemir Rodrigues.

Parafrazeando Yáziqi (2001, p. 24) a personalidade da fronteira Brasil – Bolívia, corredor Corumbá- Porto Quijarro, é multiterritorialidade. Identidades binacionais se entrelaçam e marcam uma identidade própria, dinâmica, aberta, múltipla, contingente, condicionante e condicionada a espaço-temporalidades, que envolve quem nós somos e, também, quem nós podemos nos tornar, segundo a visão de Hall (2004). Para Castells (1999) a questão central que se coloca é identificar como essa identidade se constrói.

A análise de depoimentos dos participantes da 15ª Edição do Festival revela uma satisfação com a multiplicidade de programações culturais e artísticas, com a organização do evento e, sobretudo, com a possibilidade de estar imerso na cultura fronteiriça e conhecer parte dos seus elementos indeníários.

Amo o Festival. Ele proporciona a integração da cultura dos países da América do Sul. É um grande encontro cultural. Quanto à fronteira, ela está presente desde a culinária até a música, a dança, o teatro, enfim... Pude assistir desde orquestras e corais da Bolívia até peças de teatro de rua. Já houve apresentações na Bolívia, nas cidades da fronteira, com revezamento de artistas brasileiros e bolivianos. A culinária é uma mistura Corumbá-Porto Quijarro – Porto Soarez, assim como o artesanato. (Entrevista de campo. Depoimento de R.F.R., Festival América do Sul Pantanal, 2019).

Gostei muito do Festival América do Sul Pantanal. É um festival de diversidade, cultura, história humana e social muito importante. Todas as pessoas deveriam participar pelo menos uma vez na vida. A fronteira Brasil – Bolívia, atíça a curiosidade e corumbá é envolvida pela fronteira porque as Cholas, por exemplo, estão ali, encantando o caminho de quem passa por elas e mostrando a que são todos iguais. (Entrevista de campo. Depoimento de M. P., Festival América do Sul Pantanal, 2019).

Como o evento ocorre na fronteira integrada Corumbá – Porto Quijarro a participação de bolivianos nas atividades artísticas e de educação é significativa. Crianças brasileiras e bolivianas atuam juntas na construção das Artes Visuais da fronteira (figura 3). O resultado é sentimento de pertencer ao que de fato lhes pertence, a região pantaneira, fronteiriça, com um universo cultural que carrega as marcas das tradições rurais. Em atividades de artísticas, as crianças desenham o Pantanal e o rio Paraguai, formas geográficas de integração e de pertencimento regional.

A edição 2019 teve como tema “*Corumbá: coração da América*”, aspecto que sugere uma centralidade da cidade de Corumbá, e do Brasil, no processo. Isso fica evidente quando observamos o Gráfico com o percentual da participação dos países na programação (gráfico 1).

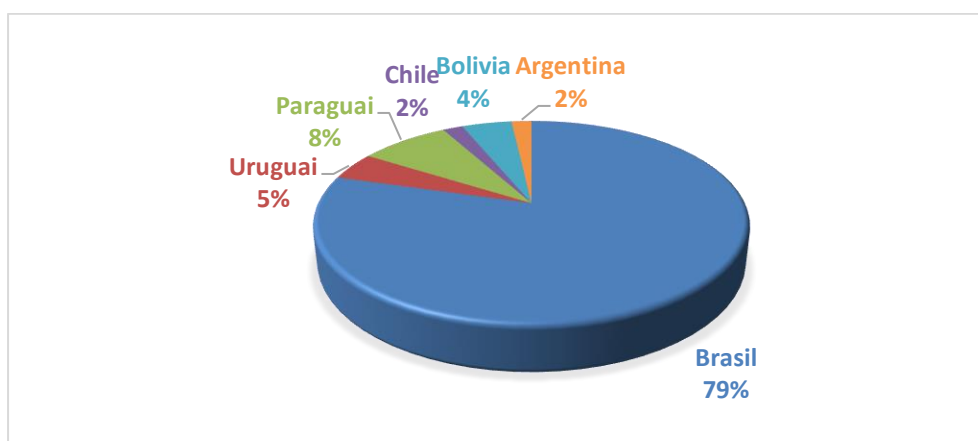


Gráfico 1 – Percentual de participação dos países na programação do Festival América do Sul 15ª. Edição - 2019. Fonte: dados de campo, 2020.

Como em todas as edições anteriores, em 2019 a programação trouxe a América do Sul com os países Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai, Uruguai presentes. Esse aspecto é expresso na fala da Presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul:

O Festival América do Sul Pantanal de 2019 foi um verdadeiro sucesso, tendo 50 atrações nos mais variados segmentos de cultura, como música, artesanato, gastronomia, teatro, dança, circo, literatura, cinema e muito entretenimento de diferentes países da América do Sul (Sra. Mara Caseiro, diretora – Presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul - entrevista de campo, julho de 2020).

Em 2019, 79% da programação foi destinada ao Brasil como demonstrado no gráfico 1, entretanto, os turistas que participaram desta edição destacam a presença do outro, dos países vizinhos, além do Brasil. A fronteira é claramente percebida como um espaço híbrido, de referencia indentitária marcada pela junção.

Tive a oportunidade de ver espetáculos de outros países, de outros estados brasileiros e também do nosso estado, que nos passam despercebidos e são de excelente qualidade. Estamos na fronteira e percebemos essa influencia na comida, e na cultura em geral (Entrevista de campo. Depoimento de J. F. R., Festival América do Sul Pantanal, 2019).

O Festival é marcado pela diversidade e qualidade das apresentações culturais. A fronteira esta presente em todos os lugares ali, principalmente a comida. No festival especificamente teve palestras e pesquisas tratando do tema. Mas, questões sociais e políticas pertinentes a fronteira, que não são poucas, não acho que foram trazidas de forma mais incisiva (Entrevista de campo. Depoimento de M. R., Festival América do Sul Pantanal, 2019).

A fronteira internacional retorna à cena em função das discussões em torno da cultura, dos fluxos, e da integração. Para os turistas, considerados de fora, uma mudança de percepção da fronteira como um espaço depreciativo. Ao mesmo tempo, a noção de globalidade, de integralidade, de totalidade é evidenciada nas vozes de diferentes atores. Portanto, a percepção do inteiro, da região, definida por uma identidade cultural e territorial.

A América do Sul compartilha eventos e é percebida como uma região de integração, de trocas e de processos históricos semelhantes, embora, questões atuais referentes aos processos globalizantes não são enfatizadas. Para Mara Carneiro, diretora-presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, apesar das dificuldades de um momento de estagnação econômica, o Governo do Estado trabalha para manter este evento tão importante do nosso calendário cultural. Um Festival único no país, que consolida os valores de união entre povos.

A cultura é valorizada e valorada como uma dimensão importante do processo econômico. Isso fica evidente nas falas de diferentes lideranças políticas. Em entrevista ao jornal Correio de Corumbá, o Governador do estado afirmou que o Festival movimentou cerca de R\$ 18 milhões na economia do estado, em 2019.

Estudos mostram que a cada R\$ 1 investido na realização de eventos culturais, R\$ 5 retornam para a economia local. Esse ano o Governo do Estado está investindo R\$ 3,6 milhões na estruturação do Festival América do Sul Pantanal. Podemos pensar no importante retorno para a região pantaneira com a ocupação hoteleira, de restaurantes,

bares, atrativos turísticos e muito mais (Governador Reinaldo Azambuja. entrevista ao jornal digital Correio de Corumbá, outubro de 2019).

Hotelaria, restaurantes, comércio e serviços de Corumbá, de Ladário, e de Porto Quijarro, na Bolívia, se beneficiam economicamente. Juntos formam o espaço turístico do festival.

5. Conclusões

O Festival América do Sul Pantanal legitima e valoriza a identidade territorial da fronteira Brasil – Bolívia, cidades gêmeas Corumbá-Porto Quijarro. A presença do “outro” como fonte de referencia identitária na construção do território é evidenciada na logomarca, na participação boliviana nas atividades de cultura, de arte e de educação propostas na programação. A programação é repleta de significados que remetem ao espaço fronteiriço. Isso se evidencia nas vozes dos diferentes atores, gestores e turistas, que participaram da Edição 2019. A percepção e legitimação da região como espaço vivido de referencia identitária. Ao mesmo tempo, a desconstrução da fronteira como um espaço de violência.

O território e a territorialidade, expressa por práticas materiais e simbólicas, por práticas compartilhadas, garantem o sentido de pertencimento e a apropriação do espaço pelo “ser fronteiriço”.

Em paralelo, a preponderância brasileira na programação de 2019 não diminui a presença da América do Sul. Ao contrário, as falas dos turistas que participaram do evento, destacam as apresentações culturais dos países sul americanos. A qualidade do evento é destacada e contribui para a valorização e valoração do Festival América do Sul Pantanal.

Referências

ARAUJO, F. G.; HAESBAERT, R. (Orgs). *Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: Acess, 2007.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CAPRA, F. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1999.

CARNEIRO, R. M. *Estado lança Festival América do Sul Pantanal 2019*. Prefeitura de

Corumbá. Disponível em <<https://www.corumba.ms.gov.br>>. Acesso em 12 ago. 2020.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAVES, B. S. *Roda da economia*: Festival América do Sul Pantanal vai movimentar milhões em Corumbá. Jornal Correio de Corumbá. Corumbá (MS), 2019. Disponível em <<https://www.correiodecorumba.com.br/index.php?s=noticia&id=34586>>. Acesso em 12 ago. 2020.

CESCO, D. *Frenteira de sentidos*: os sabores do Pantanal. Corumbá (MS): UFMS/MEF, 2012. (Dissertação de Mestrado em Estudos Fronteiriços).

CLAVAL, P. *A geografia cultural*. Florianópolis: UFSC ed., 2001.

COSGROVE, D. Paisagem, tempo e cultura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Z. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: UERJ ed., 1998.

FILARTIGAS, D. M. E. *Migrações na fronteira*: ações e perspectivas da polícia Federal. Corumbá (MS): UFMS/MEF, 2014. (Dissertação de Mestrado em Estudos Fronteiriços).

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HAESBAERTH, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: ed. UERJ, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio e Janeiro: DP&A, 2004.

LEFEBVRE, Hery. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes ed., 1991.

MACHADO, L. O. Cidades na fronteira internacional. Conceitos e tipologias. In: MACHADO, L. O. *Limites e Fronteiras*: da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade. UFRJ, CNPq. 2000.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1995.

MORIN, E. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, F. M.; SILVA, J. M. (Orgs.). *Para navegar no século XXI – Tecnologias do Imaginário e Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2003. p. 13-36.

NÚÑES, A.; PADOIN, M. M.; OLIVEIRA, T. C. M. *Dilemas e diálogos platinos*: fronteiras. Dourados (MS): UFGD ed., 2010.

SANTOS, M. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: HUCITEC, 1988.

YÁZIGI, Eduardo. *A alma do lugar*: turismo, planejamento e cotidiano. São Paulo: Contexto, 2001.